

**A IMORTALIDADE SIMBÓLICA DO LIVRO NA ERA DIGITAL:
PERMANÊNCIAS, REINVENÇÕES E ECOSISTEMAS SOCIOTÉCNICOS DE
LEITURA**

**HE SYMBOLIC IMMORTALITY OF THE BOOK IN THE DIGITAL AGE:
CONTINUITIES, REINVENTIONS, AND SOCIOTECHNICAL ECOSYSTEMS OF
READING**

**LA INMORTALIDAD SIMBÓLICA DEL LIBRO EN LA ERA DIGITAL:
PERMANENCIAS, REINVENCIONES Y ECOSISTEMAS SOCIOTÉCNICOS DE
LECTURA**



<https://doi.org/10.56238/ERR01v10n7-034>

Fabiana de Oliveira Silva

Mestra em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: fabianas@ufu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4142-2296>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3472854533659808>

Alairson José da Silva

Mestre em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)

E-mail: alairson@iftm.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6010-1856>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3157681367565968>

Ricardo Roberto de Andrade

Mestre em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)

E-mail: ricardor.arquivista@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3952-6487>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1341340835859437>

Jaqueline Uehara Dias Ferreira

Especialista em Gestão Pública

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)

E-mail: jaquelineuehara@iftm.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0493446523241692>

Sarah Maria Cristina Ferreira

Mestra em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: sarah@ufu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9384-0474>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3720902673107896>**Nelson Marcos Ferreira**

Mestre em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: nemafe@ufu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4948-4643>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1974400489229757>**Baltazar José Filho**

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco (FASF-LUZ), Universidade Federal de Lavras (UFLA)

E-mail: Baltazar.jose@ufla.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1981-812X>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9037912013574409>**Mirtes Soares**

Mestra em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: mirtesbiblio@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4016-044X>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2287047154637851>**RESUMO**

Este artigo investiga os fatores que sustentam a permanência e a imortalidade simbólica do livro na era digital, articulando dimensões históricas, culturais, cognitivas e sociotécnicas. Com abordagem qualitativa e caráter exploratório-analítico, fundamenta-se em revisão bibliográfica integrativa, análise socio-histórica e interpretação hermenêutica de autores como Chartier, Darnton, Eco e Carrière, Lévy, Santaella, Floridi, Freire, Gadamer, Heidegger, Jenkins, Latour, Sayão e Salles, Campello e Belluzzo. Os resultados evidenciam que o livro resiste às transformações tecnológicas não por oposição ao digital, mas por sua capacidade de reinvenção em ecossistemas híbridos de leitura, nos quais impressos, e-books, audiolivros e plataformas convergem. A permanência do livro decorre de sua função cognitiva na organização do pensamento, de sua densidade histórica e cultural, de sua plasticidade sociotécnica e do papel estratégico das bibliotecas como agentes de mediação, preservação e curadoria. Conclui-se que a era digital não ameaça o livro, mas amplia seus modos de existência, reafirmando-o como artefato civilizatório essencial para a formação crítica, a preservação da memória e a democratização do conhecimento.

Palavras-chave: Livro. Cultura Escrita. Leitura. Era Digital. Cibercultura.

ABSTRACT

This article examines the factors that sustain the permanence and symbolic immortality of the book in the digital age, integrating historical, cultural, cognitive and sociotechnical dimensions. Based on a qualitative and exploratory-analytical approach, the study draws upon an integrative literature review, socio-historical analysis and hermeneutic interpretation of authors such as Chartier, Darnton, Eco and Carrière, Lévy, Santaella, Floridi, Freire, Gadamer, Heidegger, Jenkins, Latour, Sayão and Salles, Campello and Belluzzo. The findings indicate that the book persists not in opposition to digital technologies, but through its ability to reinvent itself within hybrid reading ecologies where printed books, e-books, audiobooks and platforms converge. The book's endurance derives from its cognitive role in structuring thought, its historical and cultural density, its sociotechnical adaptability and the strategic role of libraries as agents of mediation, preservation and curation. The study concludes that the digital age does not threaten the book; rather, it expands its modes of existence, reaffirming it as an essential civilizational artifact for critical education, memory preservation and the democratization of knowledge.

Keywords: Book. Written Culture. Reading. Digital Age. Cyberculture.

RESUMEN

Este artículo investiga los factores que sustentan la permanencia y la inmortalidad simbólica del libro en la era digital, articulando dimensiones históricas, culturales, cognitivas y sociotécnicas. Con un enfoque cualitativo y un carácter exploratorio-analítico, se fundamenta en una revisión bibliográfica integradora, en el análisis sociohistórico y en la interpretación hermenéutica de autores como Chartier, Darnton, Eco y Carrière, Lévy, Santaella, Floridi, Freire, Gadamer, Heidegger, Jenkins, Latour, Sayão y Salles, Campello y Belluzzo. Los resultados evidencian que el libro resiste a las transformaciones tecnológicas no por oposición a lo digital, sino por su capacidad de reinventarse en ecosistemas híbridos de lectura, en los cuales convergen impresos, libros electrónicos, audiolibros y plataformas digitales. La permanencia del libro se deriva de su función cognitiva en la organización del pensamiento, de su densidad histórica y cultural, de su plasticidad sociotécnica y del papel estratégico de las bibliotecas como agentes de mediación, preservación y curaduría. Se concluye que la era digital no amenaza al libro, sino que amplía sus modos de existencia, reafirmando como un artefacto civilizatorio esencial para la formación crítica, la preservación de la memoria y la democratización del conocimiento.

Palabras clave: Libro. Cultura Escrita. Lectura. Era Digital. Cibercultura.

1 O LIVRO E A LEITURA COMO PRÁTICAS FORMATIVAS E LIBERTADORAS

A imortalidade simbólica do livro está profundamente ligada ao papel que a leitura desempenha na constituição do sujeito, na formação da consciência e na organização das experiências humanas. Desde a tradição humanista até a pedagogia contemporânea, o livro é compreendido como mais do que um repositório de informações: ele é mediador de sentidos, instrumento de liberdade e território de construção da subjetividade.

Paulo Freire é central para essa compreensão. Para ele, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 11), indicando que ler é antes de tudo interpretar a vida, a cultura e as relações sociais. A leitura freireana é movimento, prática reflexiva, ato político. Não é decodificação mecânica, mas compreensão crítica da realidade. Leal e Nascimento (2019) demonstram que, ao propor a noção de *palavramundo*, Freire vincula o ato de ler à emancipação: entender a palavra é entender-se no mundo; interpretar o texto é interpretar a sociedade; transformar a leitura é transformar a existência.

Assim, o livro, dentro dessa lógica, torna-se espaço de conscientização, diálogo, questionamento e libertação dimensões que explicam sua permanência histórica.

Essa concepção dialoga com a hermenêutica filosófica. Gadamer (2002) afirma que compreender um texto é ingressar em um horizonte de sentido que se renova continuamente, pois a interpretação é sempre encontro entre tradição e presente. O livro, nessa perspectiva, funciona como ponte entre tempos históricos e modos de ser, preservando experiências humanas em linguagem. Heidegger (1987), ao definir a linguagem como “a morada do ser”, reforça que textos escritos especialmente livros não são objetos exteriores, mas lugares onde o ser se revela e onde o pensamento se abriga. Assim, o livro permanece porque preserva sentidos e mundos, permitindo que o leitor habite realidades simbólicas que estruturam sua própria existência.

Essa dimensão ontológica e pedagógica articula-se com a psicologia da leitura contemporânea. Em estudo aprofundado sobre as experiências leitoras, Dadico (2015) mostra que o livro não apenas transmite conteúdo, mas molda subjetividades. A autora identifica modos de ler como “fome de leitura”, “modo intensivo”, “identificação subjetiva”, “leitura distraída” e “ponto de fuga”, demonstrando que o ato de ler envolve processos afetivos, cognitivos e imaginativos. Segundo ela, o livro influenciou decisivamente “como aprendemos a ler, a pensar, a compreender a sociedade, a história, a olhar para nós mesmos” (Dadico, 2015, p. 197).

O livro, nesse sentido, é tecnologia interior, instrumento através do qual o sujeito compreende, reorganiza e simboliza a experiência.

No campo literário, a leitura aparece como experiência estética, ética e formativa. Para Carvalho (2015), o texto literário convoca o leitor a uma relação sensível e crítica com o mundo,

ampliando sua percepção sobre questões éticas, políticas e sociais. A literatura é espaço de imaginação moral, capaz de provocar empatia e reflexão profunda.

Esse entendimento dialoga com Martha Nussbaum (2011), para quem a literatura constitui elemento fundamental das democracias, pois permite ao indivíduo compreender a complexidade humana por meio da imaginação, reconhecendo dores, conflitos e possibilidades da vida alheia.

Autores brasileiros como Lajolo e Zilberman (2002) reforçam que a leitura é prática cultural e social que constrói identidades, formando leitores capazes de dialogar com a tradição e com a modernidade. Silva (1993) destaca que o leitor crítico se forma por meio da interação com textos desafiadores, que exigem interpretação, inferência e imaginação práticas cognitivas essenciais para o pensamento complexo.

A importância cultural da leitura também se evidencia nos estudos da história da leitura. Benjamin (1994), Chartier (1998) e Darnton (2010) mostram que os modos de ler transformam-se ao longo do tempo, mas o livro permanece como objeto civilizatório fundamental. Mesmo com a ascensão da cultura digital, o livro impresso mantém funções únicas: profundidade, linearidade, concentração e estabilidade. Ao mesmo tempo, o livro digital expande a acessibilidade, a portabilidade e a circulação dos textos, criando novas ecologias leitoras. Como afirma Dadico (2015), vivemos uma “terceira revolução da leitura”, caracterizada pela coexistência entre o impresso e o digital, e não pela substituição de um pelo outro.

Por fim, a leitura literária discutida por Carvalho (2015) reforça que o livro é fonte de sensibilidade, imaginação e formação humana. Segundo a autora, a literatura desenvolve autonomia, criatividade e consciência crítica valores que dialogam diretamente com Freire e com a necessidade de formar leitores capazes de interpretar o mundo.

Em convergência com essa perspectiva, a leitura literária é defendida nos documentos oficiais brasileiros (PCN, OCEM, LDB) como parte indispensável da formação cidadã, apresentando a literatura como direito cultural e prática de humanização.

Assim, quando articulamos Freire, Gadamer, Heidegger, Dadico, Carvalho, Nussbaum, Lajolo e tantos outros, compreendemos que o livro não permanece porque sobreviveu ao digital, mas porque continua estruturando a experiência humana, formando consciência, produzindo memória, convocando reflexão e abrindo mundos possíveis.

O livro não é imortal por resistir às tecnologias, mas porque resiste às simplificações da vida contemporânea. Ele persiste como espaço de profundidade em um tempo de superficialidade, como território de subjetivação em um tempo de dispersão, e como dispositivo de liberdade em um tempo de vigilância informacional.

Por isso, a leitura entendida como prática crítica, estética e existencial é condição essencial para a formação humana. E o livro, em suas múltiplas materialidades, permanece como sua casa simbólica.

2 LIVRO, CULTURA ESCRITA E BIBLIOTECONOMIA: PERMANÊNCIAS E REINVENÇÕES

A compreensão da permanência do livro na era digital exige olhar para sua inserção histórica na cultura escrita e, ao mesmo tempo, para o papel que bibliotecas e práticas biblioteconômicas desempenham em sua preservação, circulação e ressignificação. Desde a invenção da prensa, o livro tornou-se organismo central das sociedades letradas, moldando formas de produção do conhecimento, consolidando tradições culturais e estruturando sistemas educativos. Chartier (1998) mostra que o livro sempre foi mais do que um suporte: ele é uma prática cultural, um modo de organizar sentidos e de instituir formas específicas de relação entre leitor, texto e mundo. A materialidade do livro – seu formato, ordenação, tipografia, índice, ritmo – condicionou modos de ler e modos de pensar, constituindo o que se convencionou chamar de modernidade letrada e sedimentando uma racionalidade baseada na linearidade, na coerência e na permanência.

Contudo, a cultura escrita não se define apenas pelo livro impresso, mas pelas instituições que o fazem circular e que lhe atribuem sentido social. As bibliotecas, nesse sentido, são dispositivos fundamentais na consolidação da leitura como prática social e na manutenção do livro como artefato civilizatório. Não apenas guardam livros, mas articulam políticas de seleção, classificação, mediação, preservação e acesso que transformam o texto em experiência cultural compartilhada. Campello (2003) e Belluzzo (2018) enfatizam que a biblioteca é espaço de formação do leitor e de desenvolvimento da competência em informação, sendo responsável por criar condições materiais e simbólicas para que indivíduos aprendam a ler criticamente, selecionar fontes, comparar discursos, construir referências e produzir conhecimento. A biblioteca, portanto, não funciona apenas como espaço de armazenamento, mas como ecossistema educativo e cultural que dá vida aos livros.

Nos estudos contemporâneos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, **Sayão e Salles (2016)** destacam que a centralidade do livro permanece mesmo em ecossistemas digitais, embora ele mude de forma, função e mediações. Para os autores, a curadoria compreendida como um processo sociotécnico que envolve seleção, contextualização, metadados, políticas institucionais e decisões éticas é elemento decisivo para que o livro continue desempenhando seu papel de preservar saberes e garantir sua transmissão às gerações futuras. A preservação digital, afirmam, não é apenas manutenção técnica, mas uma prática política que define aquilo que uma sociedade considera digno de memória.

Nesse sentido, os livros físicos ou digitais são parte de uma política de continuidade cultural que as bibliotecas sustentam.

Essa perspectiva crítica se articula com a compreensão histórica de Darnton (2010), para quem a história da leitura não é marcada por substituições, mas por camadas. O pergaminho não substituiu o rolo; o códice não eliminou o pergaminho; o impresso não apagou o manuscrito; e o digital não elimina o impresso. O que se transforma é o ecossistema cultural no qual cada suporte se inscreve, produzindo novos gestos, novas disposições corporais, novos ritmos interpretativos e novos vínculos entre leitores e textos. A cultura escrita, portanto, é híbrida e plural, e o livro persiste porque se adapta e se articula às transformações.

Lévy (1999) e Santaella (2004) mostram que as práticas de leitura no ambiente digital se tornaram mais fragmentadas, móveis e multimodais. Contudo, a leitura profunda – característica do livro impresso permanece indispensável para a formação da capacidade analítica, da argumentação estruturada e da reflexão crítica. Nesse contexto, Floridi (2014) afirma que vivemos em uma “sociedade da informação” na qual o excesso de dados exige, paradoxalmente, maior estabilidade cognitiva. O livro, por sua estrutura sequencial, coerente e durável, oferece justamente essa estabilidade epistemológica em um mundo marcado pelo fluxo intenso e pela fragmentação.

Nesse cenário, as bibliotecas assumem papel decisivo na preservação e reinvenção da cultura escrita. Elas não são apenas depósitos de livros, mas ecossistemas educativos, culturais e tecnológicos que articulam práticas de curadoria, mediação e formação de leitores. Segundo Silva (1993), a leitura torna-se ato crítico apenas quando mediada por instituições que promovem encontros significativos entre leitor e texto. Assim, a biblioteca não apenas garante acesso, mas cria condições para que o livro se torne agente de transformação.

As bibliotecas também cumprem função social essencial ao atuarem como guardiãs da memória coletiva. A preservação de acervos impressos ou digitais é prática que assegura longevidade à produção humana. Sayão e Salles (2016) reforçam que preservar coleções não é apenas manter objetos materiais, mas assegurar que narrativas, epistemes, discursos e obras permaneçam acessíveis às gerações futuras. O livro, nesse sentido, é elemento de resistência cultural e de continuidade histórica, sobretudo em sociedades marcadas por volatilidade, descarte rápido e desinformação.

Eco e Carrière (2009) afirmam que o livro é “como a roda”: pode ser aperfeiçoado, adaptado, transformado mas não substituído. Em ecossistemas digitais, o livro transita entre plataformas, dispositivos e linguagens, mantendo sua essência estrutural: a possibilidade de pensamento aprofundado, de construção gradual de sentido e de meditação prolongada. A imortalidade do livro, portanto, não deriva de seu formato, mas de sua função epistemológica, cultural e simbólica.

Assim, a Biblioteconomia contemporânea não trabalha mais com a ideia de “fim do livro”, mas com sua reinvenção contínua. As bibliotecas digitais, os e-books, os audiolivros, as plataformas de leitura social, os repositórios institucionais, as práticas de digitalização e as políticas de acesso aberto não negam o livro – expandem-no. São expressões de uma cultura híbrida na qual o impresso e o digital coexistem, cada qual cumprindo papéis específicos e complementares. O livro impresso permanece como objeto simbólico, afetivo, patrimonial; o livro digital amplia alcance, acessibilidade, mobilidade e democratização do conhecimento.

Neste interim, a permanência do livro no campo da cultura escrita e da Biblioteconomia decorre de sua extraordinária capacidade de adaptação, transformação e recomposição simbólica. Ele se mantém porque sustenta práticas de leitura profundas, estrutura ecossistemas culturais e funciona como dispositivo central de preservação, transmissão e produção de conhecimento. As bibliotecas como espaços de mediação, memória, cidadania e inovação são responsáveis por manter vivo esse patrimônio simbólico, garantindo que o livro continue a desempenhar seu papel civilizatório em uma sociedade marcada pela velocidade, pela desinformação e pela abundância de dados.

3 A DIMENSÃO SOCIOTÉCNICA DO LIVRO NA ERA DIGITAL: RUPTURAS, PERMANÊNCIAS E REINVENÇÕES

A emergência do ambiente digital introduziu transformações profundas nas formas de produzir, disseminar e acessar o conhecimento, alterando também as práticas de leitura e os modos de circulação do livro. Contudo, tais transformações não significam o desaparecimento do objeto-livro, mas sua ressignificação dentro de um ecossistema informacional híbrido, no qual dispositivos, interfaces, plataformas e suportes coexistem e se articulam. A compreensão desse novo cenário exige um olhar sociotécnico, capaz de integrar dimensões culturais, materiais, tecnológicas e simbólicas.

Na perspectiva da sociedade em rede, Castells (1999) afirma que vivemos em um ambiente marcado pela velocidade, pela interconexão e pela multiplicidade de fluxos informacionais. Nesse contexto, o livro não perde relevância, mas se desloca, adquirindo novas funções e novas mediações. Ele passa a existir simultaneamente como objeto material, arquivo digital, hipertexto, audiolivro e item de base de dados, compondo aquilo que Floridi (2014) chama de **infosfera**: um ambiente no qual fronteiras entre o físico e o digital se tornam fluidas, exigindo novas práticas de curadoria, preservação e leitura.

Pierre Lévy (1999) e Santaella (2004) enfatizam que o digital produz novas textualidades caracterizadas pela hipermídia, pela mutabilidade dos formatos e pela navegabilidade. Entretanto, essas transformações não anulam a importância dos textos lineares, densos e sequenciais forma estrutural típica do livro. Ao contrário, o digital exige ainda mais capacidade de concentração e

profundidade cognitiva para lidar com a abundância de dados e a fragmentação da atenção. Nesse sentido, o livro em especial o livro impresso funciona como **contraponto epistêmico** à lógica dispersiva do digital, oferecendo estabilidade, coerência e permanência, valores essenciais para o pensamento crítico.

Chartier (2007) explica que a leitura digital inaugura uma nova economia dos gestos e percepções: o leitor deixa de percorrer páginas e passa a manipular telas, menus, links, sistemas de busca e estruturas hipertextuais. Essa mudança modifica o gesto leitor, mas não elimina o livro; amplia seus modos de apropriação. O livro digital não é apenas uma versão eletrônica do impresso, mas uma nova entidade sociotécnica que possibilita experiências distintas, como busca interna, marcações dinâmicas, interações coletivas e leitura colaborativa em rede.

Essa transformação também se articula ao que Jenkins (2009) denomina **cultura da convergência**, na qual diferentes mídias coexistem e se complementam, criando circuitos interativos entre leitores, autores, editores, plataformas e comunidades digitais. O livro torna-se, assim, um nó dentro de uma rede complexa de fluxos informacionais que atravessam mídias diversas. A prática de leitura se expande para fóruns, clubes digitais, resenhas colaborativas, redes sociais literárias e plataformas de anotações compartilhadas, complexificando o papel do leitor, agora também produtor, comentador, curador e mediador.

Do ponto de vista sociotécnico, Latour (2005) destaca que objetos não são neutros, mas atuam como agentes dentro de redes de relações. O livro digital exemplifica isso: sua existência depende da interação entre softwares, hardwares, plataformas de distribuição, metadados, políticas editoriais, padrões de interoperabilidade e práticas de preservação. Ele é produto de uma rede, e sua permanência depende da estabilidade dessa rede. É nesse ponto que o trabalho das bibliotecas se torna decisivo.

Sayão e Salles (2016) mostram que a preservação digital, diferentemente da preservação tradicional, envolve desafios contínuos: migração de formatos, integridade de metadados, autenticidade documental, confiabilidade de sistemas, controle de versões e riscos associados à obsolescência tecnológica. Assim, garantir a sobrevivência do livro digital é tarefa complexa que exige políticas institucionais robustas, infraestrutura tecnológica adequada e profissionais capacitados. Preservar o digital é preservar processos, não apenas objetos.

Por outro lado, o livro impresso continua desempenhando função simbólica, afetiva e patrimonial significativa. Benjamin (1994), ao discutir a reprodutibilidade técnica, argumenta que a aura dos objetos culturais não desaparece, mas se transforma, adquirindo novos sentidos em cada conjuntura histórica. O livro impresso torna-se, assim, não apenas veículo de conteúdo, mas objeto de memória, materialidade afetiva e resistência cultural.

Eco e Carrière (2009) sintetizam essa simultaneidade afirmando que o livro é “como a roda”: pode ser redesenhado, aprimorado, replicado digitalmente, mas não substituído em sua essência. Seu valor epistêmico a capacidade de estruturar o pensamento e ordenar o conhecimento permanece insubstituível em um mundo de informações rápidas e fragmentadas.

Assim, a era digital não marca o fim do livro, mas sua inserção em uma **ecologia sociotécnica plural**, na qual múltiplas materialidades, práticas leitoras e mediações coexistem. O livro impresso resiste como objeto simbólico, cognitivo e patrimonial; o livro digital amplia acessibilidade, distribuição, multiplicação e participação em rede. Ambos se articulam dentro de um mesmo ecossistema, configurando novas formas de leitura, preservação e produção do conhecimento.

Contudo, a dimensão sociotécnica do livro revela que sua permanência não é ameaçada pelo digital; ao contrário, é ampliada por ele. O livro reinventa-se, desdobra-se, multiplica-se em formatos e materialidades diversas, mantendo sua função civilizatória de produzir sentido, organizar mundos e formar leitores. A era digital não inaugura a morte do livro, mas sua **metamorfose** em objeto múltiplo, híbrido e contínuo, capaz de atravessar tempos, tecnologias e culturas sem perder sua essência.

4 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e caráter exploratório-analítico, fundamentada na compreensão de que fenômenos culturais, como a permanência simbólica e sociotécnica do livro, exigem métodos interpretativos capazes de considerar dimensões históricas, discursivas, materiais e subjetivas. De acordo com Minayo (2001), a abordagem qualitativa é apropriada para estudos que buscam interpretar sentidos, práticas sociais, representações e construções simbólicas, o que corresponde ao objetivo central deste artigo.

Metodologicamente, o estudo organiza-se em três movimentos complementares:

- a) **revisão bibliográfica integrativa;**
- b) **análise socio-histórica;**
- c) **interpretação teórico-analítica em diálogo interdisciplinar.**

A **revisão bibliográfica integrativa** permitiu mapear contribuições clássicas e contemporâneas sobre livro, leitura, cultura escrita, cibercultura, Biblioteconomia, curadoria digital e ecossistemas informacionais híbridos. Foram contemplados autores como Chartier, Darnton, Eco, Carrière, Castells, Lévy, Santaella, Floridi, Sayão & Salles, além de referências de Paulo Freire, Gadamer e Heidegger para compreender as dimensões formativas, hermenêuticas e filosóficas do livro. Também foram incorporados estudos brasileiros da área de Biblioteconomia (Campello, Belluzzo, Silva) e artigos científicos relacionados à leitura literária, psicologia da leitura e formação de leitores.

A revisão integrativa, conforme Whittemore e Knafl (2005), possibilita reunir diferentes abordagens e campos de saber, gerando compreensão ampliada e crítica sobre o fenômeno estudado.

A **análise socio-histórica** buscou situar a evolução do livro e das práticas de leitura desde a modernidade até a contemporaneidade digital, observando permanências, rupturas e recomposições culturais. Essa análise articulou elementos da história do livro, da cultura escrita e da sociologia da leitura, integrando perspectivas de Chartier, Benjamin, Cavallo, Darnton e Jenkins, além de estudos brasileiros sobre mediação e formação leitora. A perspectiva socio-histórica, segundo Burke (2008), permite compreender objetos culturais como construções dinâmicas, influenciadas por relações de poder, dispositivos tecnológicos e práticas sociais.

Por fim, a **interpretação teórico-analítica** adotou uma leitura transversal das fontes, articulando conceitos provenientes da Filosofia, da Educação, da Ciência da Informação e da Sociologia da Tecnologia. Essa estratégia interpretativa baseia-se na abordagem hermenêutico-analítica, que compreende o livro como fenômeno múltiplo — simultaneamente cultural, simbólico, sociotécnico e cognitivo — e busca interpretar os sentidos atribuídos a ele em diferentes contextos. Conforme Ricoeur (1990), a hermenêutica permite compreender textos e práticas culturais como narrativas que se atualizam no diálogo entre tradição e contemporaneidade.

A metodologia também considerou o conceito de **ecossistemas informacionais híbridos**, entendendo que o livro, na era digital, não existe isolado, mas em articulação com plataformas, interfaces, dispositivos e redes socioinformacionais. Assim, o estudo interpreta o livro como artefato localizado em um sistema sociotécnico complexo, cuja compreensão exige abordar elementos materiais (suportes, tecnologias, preservação digital), simbólicos (memória, afetividade), cognitivos (modos de leitura), culturais (práticas de mediação) e institucionais (bibliotecas, políticas de acesso e curadoria).

Não se trata, portanto, de aplicar um método empírico tradicional, mas de desenvolver uma análise teórico-conceitual rigorosa, baseada na triangulação entre revisão integrativa, análise histórico-cultural e hermenêutica crítica. A metodologia adotada permitiu identificar fatores que explicam a permanência, a reinvenção e a imortalidade simbólica do livro em ecossistemas informacionais contemporâneos.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados da análise teórico-conceitual evidenciam que a permanência do livro na era digital não representa um paradoxo, mas um fenômeno coerente com a trajetória histórica da cultura escrita. A articulação entre os autores mobilizados neste estudo permite compreender que o livro resiste

não por inércia, mas por desempenhar funções epistemológicas, simbólicas e sociotécnicas que permanecem indispensáveis mesmo em ecossistemas digitais.

A partir de Chartier (1998), entende-se que o livro é uma prática cultural antes de ser um objeto. Seu formato material páginas, capítulos, sequência linear organizou modos de leitura e estruturas cognitivas que atravessaram séculos. Essa perspectiva ajuda a explicar por que, mesmo diante da proliferação de hipertextos, telas interativas e microconteúdos digitais, a forma-livro continua a constituir uma referência para a leitura profunda, a atenção prolongada e a produção de sentido. Da mesma forma, Darnton (2010) demonstra que a história do livro não é marcada por substituições radicais, mas por camadas sucessivas; o manuscrito, o códice, o impresso e o digital coexistem, ampliando práticas, e não eliminando as anteriores.

Eco e Carrière (2009) reforçam essa percepção ao afirmar que o livro é uma tecnologia essencial, comparável à roda, porque organiza o pensamento de maneira singular. Sua permanência não está apenas na facilidade de uso, mas na coerência estrutural que oferece ao leitor. Esse argumento converge com a análise de Floridi (2014), para quem a infosfera contemporânea, caracterizada pelo excesso informacional e pela fragmentação, exige ainda mais a presença de dispositivos cognitivos que permitam ordenação, estabilidade e profundidade qualidades que o livro continua a fornecer.

Por outro lado, a análise dos autores da cibercultura, como Lévy (1999) e Santaella (2004), mostra que a textualidade digital introduz rupturas significativas, gerando novos gestos, novas formas de leitura e novas relações com o conhecimento. Entretanto, esses autores destacam que o digital não anula o impresso: ele cria outras modalidades de leitura, enquanto o livro preserva suas funções específicas. Jenkins (2009) amplia esse debate mostrando que vivemos em uma cultura da convergência, na qual os livros circulam entre plataformas, geram comunidades de leitores, inspiram práticas colaborativas e se inserem em circuitos midiáticos complexos.

A dimensão formativa do livro também ganha destaque quando se retoma Paulo Freire. Ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989), o autor revela que o livro opera como mediador crítico da realidade, permitindo que o sujeito reconheça a si mesmo e ao contexto em que vive. A leitura não é, portanto, um ato isolado, mas uma prática ética e política. Esse argumento é aprofundado pela hermenêutica filosófica de Gadamer (2002), para quem a leitura representa encontro entre horizontes históricos distintos, e por Heidegger (1987), que entende a linguagem como espaço de revelação do ser. Assim, a permanência do livro não se explica apenas por sua estrutura técnica, mas por sua importância como espaço de formação existencial.

A perspectiva sociotécnica, presente sobretudo em Latour (2005), permite compreender que o livro atual especialmente em sua forma digital é resultado de redes complexas de interação entre humanos, dispositivos, softwares, plataformas e instituições. Nesse sentido, o livro digital não é um

objeto isolado, mas um artefato distribuído em uma rede que o faz existir: leitores, metadados, servidores, sistemas de preservação, atualizações de software, plataformas de leitura, padrões de interoperabilidade. Essa visão ajuda a entender que a permanência do livro depende também da estabilidade dessas redes e das instituições que as sustentam.

É nesse ponto que Sayão e Salles (2016) tornam-se fundamentais. Ao analisar a curadoria digital, os autores demonstram que a preservação de livros especialmente digitais envolve decisões éticas e epistemológicas, que definem o que será guardado, o que será esquecido e de que maneira o patrimônio informacional será transmitido às gerações futuras. Isso significa que bibliotecas desempenham papel estratégico na continuidade do livro, pois operam processos de seleção, descrição, preservação e mediação que tornam possível sua permanência em contextos culturais mutáveis.

Essa discussão se integra aos estudos de Campello (2003), Belluzzo (2018) e Silva (1993), que destacam a biblioteca como espaço de formação leitora, desenvolvimento da competência informacional e mediação crítica. O livro, nesse contexto, não é apenas um objeto acessado, mas um artefato interpretado, significado e transformado pela ação educativa. Em ambientes digitais, essa mediação torna-se ainda mais necessária, uma vez que a abundância de informações pode gerar desorientação, superficialidade e dispersão. As bibliotecas, portanto, não são apenas guardiãs de livros, mas arquiteturas de sentido que possibilitam a leitura responsável e crítica.

As contribuições de Carvalho (2015) e Dadico (2015) reforçam que o livro continua desempenhando papel significativo em dimensões afetivas, cognitivas e subjetivas. Enquanto Carvalho destaca o valor ético e estético da leitura literária, Dadico mostra que diferentes modos de leitura intensiva, afetiva, identificatória, reflexiva constituem subjetividades e formas de estar no mundo. Isso revela que, mesmo entre jovens altamente familiarizados com tecnologias digitais, o livro mantém relevância identitária e emocional.

Considerando esse conjunto de autores, é possível observar que o livro permanece porque articula dimensões que o digital, por si só, não substitui: profundidade cognitiva, continuidade histórica, densidade simbólica, plasticidade sociotécnica e mediação institucional. Seu lugar na sociedade não é residual, mas estrutural. Ele se reinventa porque possui capacidade singular de integrar tradição e inovação, afetividade e racionalidade, materialidade e virtualidade.

Diante desse cenário, pode-se afirmar que a vitalidade do livro no século XXI não deriva apenas de sua resistência, mas da sua aptidão para se transformar sem perder sua finalidade essencial: oferecer condições para a formação humana, a construção de conhecimento e a preservação da memória. O livro persiste porque ainda é um dos instrumentos mais potentes para organizar o pensamento, cultivar experiências de leitura profunda e sustentar práticas democráticas e educativas. A era digital, portanto,

não diminui sua importância; reconfigura-a e a amplia, inserindo-o em um ecossistema plural, dinâmico e interconectado.

6 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a permanência e a chamada “imortalidade simbólica” do livro não constituem resíduos de um passado analógico, mas expressões da sua capacidade histórica de adaptação e reinvenção. Os diálogos estabelecidos com Chartier, Darnton, Eco e Carrière, Lévy, Santaella, Floridi, Freire, Gadamer, Heidegger, Jenkins, Latour, Sayão & Salles, Campello, Belluzzo, Silva e demais autores evidenciam que o livro atravessa o tempo porque articula funções que permanecem essenciais mesmo em ecossistemas digitais complexos.

A cultura escrita, tal como discutida por Chartier e Darnton, revela que o livro sempre foi mais do que um suporte; é uma prática cultural estruturante, uma forma de organizar sentidos, temporalidades e experiências. No contexto contemporâneo, marcado pela fluidez informacional e pela multiplicidade de textos, dispositivos e plataformas, essa função não se dissolve: ela se transforma. O livro amplia suas materialidades ao coexistir como impresso, digital, hipertexto e audiolivro, reafirmando sua plasticidade e resiliência.

A leitura dos autores da cibercultura reforça que o digital não elimina o livro, mas altera a ecologia das práticas leitoras. Santaella e Lévy mostram que a leitura se diversifica, enquanto Floridi demonstra que a expansão da infosfera torna ainda mais necessária a existência de dispositivos cognitivos capazes de promover profundidade e coerência funções que o livro continua oferecendo com precisão.

Do ponto de vista formativo, a contribuição de Paulo Freire permanece central: o livro não é apenas instrumento de transmissão, mas de emancipação. Ele favorece processos de leitura crítica, interpretações do mundo e práticas de diálogo que as tecnologias digitais, embora inovadoras, não substituem em sua densidade humana. A hermenêutica de Gadamer e a ontologia da linguagem em Heidegger reforçam essa visão ao situar o texto como espaço de encontro, desvelamento e formação do sujeito.

No âmbito sociotécnico, as reflexões de Latour e Sayão & Salles demonstram que o livro contemporâneo especialmente o digital é um artefato constituído por redes de mediação, infraestrutura tecnológica, decisões curatoriais e políticas de preservação. Assim, a sobrevivência do livro depende não apenas de sua potência simbólica, mas também das instituições que o sustentam, especialmente as bibliotecas. Elas assumem papel estratégico como ecossistemas de mediação, preservação da memória, desenvolvimento da competência informacional e promoção da leitura.

A partir dessas análises, torna-se evidente que o livro conserva sua centralidade cultural porque opera simultaneamente em diferentes dimensões: cognitiva, histórica, estética, ética e sociotécnica. Sua longevidade não é apenas resultado de resistência, mas de reinvenção. O livro permanece porque dialoga com as exigências contemporâneas sem perder sua essência como artefato civilizatório, capaz de condensar experiências, transmitir saberes, formar consciências e sustentar práticas democráticas de produção e circulação do conhecimento.

Assim, longe de anunciar o fim do livro, a era digital confirma sua vitalidade. O livro não desaparece: **ele se multiplica, se adapta e se projeta** em novas formas de existência, reafirmando seu papel como fundamento da memória cultural e como instrumento indispensável para a construção do pensamento crítico e da formação humana.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competência em informação cenários e aspectos . Informação. Memória E Informação, v. 2, n.1, p. 29-50. 2018. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/47>. Acesso em: 05 fev. 2025.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Formação de leitores: os caminhos da biblioteca escolar. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARVALHO, Ana Mae Barbosa de. A leitura literária como prática cultural. São Paulo: Cortez, 2015.

CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. Entreletras, Araguaína, TO, v.6, n. 1, p.6-21, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/1484/8650>. Acesso em: 09 ago. 2025.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: UNESP, 2007.

DADICO, Lúcia. Modos de ler: experiências subjetivas com a leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DADICO, Lúcia. Estudos críticos em psicologia da leitura: livro e experiência de ler. Estudos de Psicologia, [s.l], v. 2, n. 4, p. 196-206, out/dez., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/hfNpx6WrNTPPhvGRpGr9XDR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 mar. 2025.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FLORIDI, Luciano. The Fourth Revolution: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 1987.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA, 2005.

LEAL, Ana Patrícia; NASCIMENTO, Maria do Socorro. A importância do ato de ler: aproximações e distanciamentos teórico-metodológicos em Paulo Freire1. Pro. Posições, Campinas, v.30, 2019.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999

SANTAELLA, Lúcia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SAYÃO, Luís Fernando; SALES, Luana Farias. Curadoria digital e dados de pesquisa. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, [s.l], v. 5, n. 2, p. 67–71, 2016. DOI: 10.5380/atoz.v5i2.49708. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/49708>. Acesso em: 8 dez. 2025.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: um processo cíclico, cumulativo e permanente. São Paulo: Ática, 1993.